

# ANÁLISE DAS RELAÇÕES PARENTAIS SOB O PONTO DE VISTA DO PAI DE ADOLESCENTES

Maria Aparecida de Araújo Silva <sup>1</sup>  
Millena Pereira Araújo <sup>2</sup>  
Ana Cristina Rabelo Loureiro <sup>3</sup>

## RESUMO

Discussões envolvendo as relações entre pais e filhos e suas repercussões no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente ganham destaque na atualidade. Os arranjos familiares, acometidos por transformações econômicas, culturais e sociais, vêm apresentando modificações significativas nas suas formas de organização, possibilitando o surgimento de novos modelos de família, as monoparentais, unipessoais e recompostas, que impactaram, também, na constituição de novos papéis a serem desempenhados pelos pais e mães dentro do ambiente familiar. Porém, apesar das mudanças observadas na maternidade e paternidade, estudos indicam a mãe como principal responsável pelo cuidado e criação dos filhos. Posto isso, o objetivo deste trabalho é analisar as relações parentais entre pai e filhos adolescentes, do ponto de vista paterno, buscando caracterizar o conjunto de práticas educativas, quem frequentemente orienta e como é dada essa orientação. Participaram do estudo 15 pais de adolescentes, com idade variando entre 40 e 50 anos, residentes na cidade de Campina Grande-PB, com renda familiar acima de dois salários mínimos. Os dados foram coletados através de um questionário sociodemográfico e de entrevista semiestruturada. As entrevistas foram analisadas com base na análise de conteúdo bardiniana. Diante da análise dos resultados, foi possível evidenciar o olhar do pai acerca da relação com seus filhos, revelando a importância da presença paterna, além de configurar a mãe como aquela que, frequentemente, educa na relação parental, mesmo que lentamente, o pai participe da educação e do cuidado com os filhos.

**Palavras chave:** Relações parentais, Pai; Mãe; Adolescentes.

## INTRODUÇÃO

As transformações históricas, culturais, econômicas, políticas e sociais no que tange a família contemporânea, impactaram, significativamente, nas funções desempenhadas pelos pais e mães no contexto doméstico. Concomitantemente, essas mesmas modificações possibilitaram o surgimento de novos modelos e arranjos familiares quebrando a hegemonia da família nuclear de concepção heterossexual e culturalmente patriarcal, e dando espaço às

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [m.araujofm@gmail.com](mailto:m.araujofm@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [millenapereiraah@gmail.com](mailto:millenapereiraah@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora pelo Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [anacristinaloureiro1@gmail.com](mailto:anacristinaloureiro1@gmail.com).

configurações monoparentais, unipessoais e recompostas que acabaram por modificar os tipos de relações parentais (COSTA, 2009).

Todavia, a família continua como sendo a principal referência e suporte no processo educativo, e no desenvolvimento identitário de crianças e adolescentes, no que se refere à formação da consciência social, dos valores morais e religiosos, como também, os aspectos relacionados à socialização (CUNICO; ARPINI, 2013). Logo, a percepção destas relações torna-se importante aspecto a ser compreendido na relação parental, especialmente quando se propõe entender quais são as práticas e atitudes dos pais no relacionamento com seus filhos (COSTA, 2009).

É certo que, a resignificação da mulher na sociedade moderna e sua inserção no mercado de trabalho, na virada do século XX, exigiu uma maior participação paterna no ambiente familiar, na contramão dos significados socialmente construídos no exercício da paternidade e da maternidade (GOMES; ALVARENGA, 2016). Porém, apesar do reconhecimento, na atualidade, da importância do pai na relação ativa com seus filhos, a responsabilidade pela educação e cuidado está vinculado, majoritariamente, a função materna (PIATO; ALVES; MARTINS, 2013; PASINATO; MOSMANN, 2016).

Matos e Magalhães (2020) dialogam que, a participação paterna, nos dias atuais, acontece de forma gradual, pois historicamente e culturalmente, a convivência diária entre os pais e filhos não era reconhecida como um importante aspecto da relação parental. Contudo, o comprometimento observado na contemporaneidade vem resultando, em significativas, mudanças na imagem que a sociedade e o pai têm de si e do seu papel na educação, criação e no desenvolvimento de seus filhos, passando a ser aquele que também se responsabiliza e participa de forma ativa, dando afeto, carinho e atenção.

Considerando as contribuições teóricas, o presente estudo teve como objetivo analisar as relações parentais entre pai e filhos adolescentes, do ponto de vista do pai. Para tanto, pretendeu-se caracterizar o conjunto de práticas educativas, buscando identificar quem, frequentemente, orienta na relação parental e como é dada essa orientação, além de identificar quem os filhos, comumente, recorrem quando querem algo; e o que o pai considera de maior relevância na relação com seus filhos.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi realizado a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, UEPB-CNPq, cota 2019/2020, no curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, campus de Campina Grande-PB. A pesquisa foi realizada no período entre agosto de 2019 até agosto de 2020.

Participaram da pesquisa 15 pais de adolescentes, residentes na cidade de Campina Grande – PB, cuja idade variou entre 40 a 50 anos com renda salarial familiar acima de dois salários mínimos. A escolha dessa população justifica-se pelo fato de que o papel do pai, segundo Lins et. al (2015), tem sido pouco investigado quando comparado aos estudos que tratam sobre o papel materno no processo educativo e no desenvolvimento da criança e do adolescente. Assim, compreende-se a necessidade de fomentar pesquisas que tratam desta relação na área da Psicologia.

Ademais, supõe-se que a faixa etária entre 40 e 50 anos corresponde à média de idade na qual a maioria dos pais tem filhos na fase da adolescência. Por fim, faz-se necessário esclarecer que a escolha da faixa salarial familiar acima de dois salários mínimos justificou-se pelo fato deste poder representar maior disponibilidade e acessibilidade dos participantes.

Os dados foram coletados a partir de um questionário sociodemográfico, visando caracterizar os dados socioeconômicos dos participantes, como por exemplo, a idade, o estado civil dos pais, com quem ele reside, a idade dos filhos, a escolaridade dos pais, o rendimento familiar mensal, entre outros dados. Em seguida, utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, contendo perguntas abertas, referentes ao relacionamento social e afetivo entre os pais e filhos, as práticas educativas utilizadas pelos pais dos adolescentes, a forma como os pais agem quando seus filhos não fazem o que eles pedem, as regras e as formas como estas são estabelecidas na relação parental.

Anteriormente à realização das entrevistas com os participantes, as pesquisadoras responsáveis aplicaram um pré-teste com pais voluntários, e como não se verificou maiores problemas com a clareza das questões do instrumento, seguiu-se com a realização das entrevistas individuais, utilizando-se de um gravador em local e horário, anteriormente, determinado, em comum acordo entre as partes interessadas. Todo esse processo aconteceu após assinaturas do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização para Gravação de Voz (TAGV).

Inicialmente, o projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, sob o protocolo CAE de Nº 21770719.1.0000.5187 conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução 466/2012.

Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa, fundamentando-se no método de análise categorial temática apresentado por Bardin (2009), de acordo com as seguintes etapas: 1) Pré-análise, consiste na transcrição das entrevistas na íntegra, de forma a construir o corpus da pesquisa e a delimitação dos indicadores; 2) Exploração do material ou codificação, quando foram realizadas leituras do corpus do texto, em busca do agrupamento das falas dos pais; 3) Tratamento dos resultados – que consistiu na identificação das categorias, por meio do agrupamento de respostas que possuíam características comuns, utilizando o processo de quantificação das frequências.

Para esse estudo foi feito um recorte nos dados obtidos na pesquisa com os pais e foram utilizadas as respostas trazidas pelos participantes quando perguntados “O que você acha mais importante na relação com seus filhos?”; “Na sua casa quem costuma orientar seus filhos?”; “Como é dada essa orientação?”; “Você sabe como ela orienta?”; “Em quem você se baseia para orientar seus filhos?”; “Quando seus filhos querem alguma coisa a quem eles recorrem, a você ou a mãe dele?”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Dados sociodemográficos**

Os dados sociodemográficos dos participantes evidenciaram que a idade dos pais apresentaram idade variando entre 40 e 52 anos, sendo que destes, 86,67% dos pais são casados e 13,33% são divorciados; e 86,67% residem com esposas e filhos, enquanto que 13,33% moram apenas com filhos. Verificou-se variação de 1 até 4 filhos, sendo que a idade dos filhos adolescentes esteve entre 12 até 18 anos.

A escolaridade paterna indica que 40% dos pais possuem ensino superior completo, 33,33% ensino médio completo, 13,33% ensino superior incompleto, 6,67% ensino médio incompleto e 6,67% ensino fundamental incompleto. Em relação à renda familiar, 100% afirmaram rendimento acima de dois salários mínimos – é válido destacar que quando a pesquisa foi realizada, o salário mínimo estava em torno de R\$ 998,00. Assim, a menor renda encontrada esteve em torno de R\$ 3.000 e a maior R\$ 8.000. No que diz respeito à ocupação paterna, 40% afirmaram que eram autônomos, 13,33% professor, 6,67% advogado, 6,67% fisioterapeuta, 6,67% administrador e 6,67% vendedores.

### **Dados de análise semântica**

Por meio da análise do conteúdo das entrevistas realizadas com os pais, foi possível identificar e categorizar às respostas trazidas com suas respectivas frequências de respostas, compreendendo assim, o olhar paterno frente as relações com seus filhos. Desta forma, as categorias serão descritas abaixo com suas respectivas frequências referente a cada questão indicada.

Quando os pais foram questionados sobre “*o que você acha mais importante na relação com seus filhos?*”, foram agrupadas as respostas paternas sobre a importância da **Presença Paterna** com maior índice de frequência, 47,36%, seguida das categorias **Valores Morais** e **Amizade** com frequência de 26,32% cada uma. Após processo de categorização, as respostas foram agrupadas conforme a Tabela 1.

**TABELA 1. Frequência e Percentuais de Respostas dos pais à Pergunta “O que você acha mais importante na relação com seus filhos?”**

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Presença Paterna	18	47,36%
Valores Morais	10	26,32%
Amizade	10	26,32%
<b>Total</b>	<b>38</b>	<b>100%</b>

Tendo em vistas os resultados obtidos acima, destaca-se que os pais parecem reconhecer a importância da presença paterna na relação com seus filhos (47,36%), enquanto que grande parte (26,31%) indicaram que os valores morais e amizade são aspectos relevantes na relação parental. Para tanto, é possível inferir que os pais estão assumindo e valorizando, com maior frequência, o papel de referência educativa no processo educacional da prole, ao mesmo tempo que reconhece a importância da participação ativa na relação, evidenciando mudanças nas funções exercidas pela figura paterna dentro da família, na atualidade (SIMIONATO; OLIVEIRA, 2003; ARRUDA, 2013).

Esses resultados parecem corroborar com os argumentos de Silva, Bueno e Ribeiro (2014) ao argumentarem que essas novas atribuições no exercício da paternidade, é possível a partir das diversas conquistas femininas no campo social, modificando a dinâmica intrafamiliar. Estas modificações indicam que a presença do pai tem se tornado cada vez mais frequente na vida dos filhos, deixando de ser somente relacionada à provisão e manutenção financeira, passando a dividir com a mãe as atividades de educação, lazer e cuidado junto à prole, valorizando as relações afetivas.

Ao serem perguntados sobre *quem, na casa dos participantes, costuma dar orientação aos seus filhos*, os participantes identificaram **A mãe** como principal orientadora, com frequência de 46,6%, logo após vieram as categorias **O pai**, com 40% e, o **Pai e Mãe**, 13,4% de frequência, como pode ser observado na Tabela 2.

**TABELA 2. Frequência e Percentuais de Respostas dos pais à Pergunta “Na sua casa, quem costuma dar orientação aos seus filhos?”.**

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
A mãe	7	46,6%
O pai	6	40%
Pai e Mãe	2	13,4%
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

Como pode ser observado na Tabela 2, a mãe é identificada como principal fonte de orientação e educação dos filhos (46,6%), confirmando uma herança histórica, cultural e social que estereotipam a identidade materna voltada, quase que exclusivamente, ao cuidado com a casa e com filhos (COSTA, 2009). Porém, os resultados confirmam a análise apresentada acima, a partir da Tabela 1, acerca da participação, gradativa, dos pais no processo educativo dos filhos, com sua presença constante e orientações, corroborando com os achados de Cunico e Arpini, 2013.

Lins et. al. (2015) também discutem as questões relativas à parentalidade, argumentando que as modificações no papéis maternos e paternos, decorrentes de mudanças significativas vivenciadas em sociedade (principalmente no que se refere às conquistas alcançadas pelas mulheres), possibilitou maior igualdade no cuidado dentro do ambiente doméstico, além de exigir maior compromisso paterno e responsabilidade frente a educação dos filhos, passando o pai a não ser mais o único provedor financeiro, ao mesmo que, a divisão igual nos cuidados se faz necessário.

Nota-se que, conforme indicam os resultados da Tabela 2, há um baixo percentual de respostas relativas à Coparentalidade (13,4%), isto é, ao compartilhamento dos pais sobre os cuidados e a educação dos filhos. Tal compartilhamento, conforme indicam os estudos de Boing e Crepaldi (2016), torna-se uma importante função que proporciona maior segurança e suporte emocional aos filhos, gerando menor conflito, já que os pais passam a refletir e estabelecer, conjuntamente, as diferentes estratégias no processo educativo.

Logo após, ao serem questionados sobre os tipos de orientações que eram dados aos seus filhos, os pais relataram, com frequência de 42,86%, a categoria **Valores Morais**, seguida das categorias **Escola**, 28,57%, **Tecnologia** com frequência de 11,43%. É válido destacar que, 17,14% dos pais informaram que, **Não sabem informar**, como fica exemplificado na Tabela 3.

**TABELA 3. Frequência e Percentuais de Respostas dos pais a pergunta “Como é dada essa orientação?”**

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Valores Morais	15	42,86%
Escola	10	28,57%
Não sabem informar	6	17.14%
Tecnologia	4	11,43%
<b>Total</b>	<b>35</b>	<b>100%</b>

A partir dos resultados obtidos na Tabela 3, é possível inferir que os participantes estão mais interessados na formação moral dos filhos, indicando uma compreensão da importância sobre o papel educativo da família, corroborando com os resultados encontrados no estudo de LINS, et. al (2015), no qual se evidencia o papel, primordial, dos pais, na função educativa com seus filhos, sendo a família, a primeira e principal responsável pelo processo educativo, mesmo que outras instituições, como a escola, desempenhe essa função.

Pratta e Santos (2007), também argumenta sobre a importância dos pais orientarem seus filhos em relação aos valores morais, principalmente na adolescência que é uma das fases da vida com diferentes transformações, sejam elas biológicas, psicológicas/emocional e sociais, que acabam por trazer inúmeras mudanças no cotidiano do infantojuvenil, além de ser marcada pela necessidade de autonomia e aceitação pessoal, já que os adolescentes passam a conviver com vários grupos sociais, para além da família.

Talvez por este motivo, a transmissão dos Valores Morais e a orientação sobre o ambiente escolar se apresentem como aspectos tão frequentes na relação paterna, uma vez que, o pai aspira que seus filhos sigam as orientações dadas em virtude do que ele acha correto. Porém, é necessário ressaltar que este é também um estágio de rupturas e aprendizados, podendo ter, o surgimento de brigas e discussões intrafamiliares, principalmente, quando há divergência entre o que é aprendido na relação parental e na esfera social, sobretudo, acerca das temáticas sobre iniciação sexual e drogadição (PRATTA; SANTOS, 2007). Segundo Lins

et. al (2015), isso acontece, pois ao se relacionar com outras pessoas, o sujeito apreende opiniões e valores, muitas vezes, opostas às dos pais.

Quando perguntados “*Em quem você se baseia para orientar seus filhos?*”, foi possível agrupar as categorias, **Os pais como referência**, com maior índice de frequência, 42,36%, **A si próprio como referência**, com 38,09%, e **Referência religiosa**, 19,05%. Na Tabela 4, podem ser observadas as seguintes categorias.

**TABELA 4. Frequência e Percentuais de Respostas dos pais a pergunta “Em quem você se baseia para orientar seus filhos?”**

<b>Categorias</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Os pais como referência	9	42,86%
A si próprio como referência	8	38,09%
Referência religiosa	4	19,05%
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>100%</b>

Destaca-se, a partir dos resultados da Tabela 4, a influência que as gerações anteriores exercem sobre o processo educativo (42,86%), considerando a transmissão de valores e crenças, de pai para filhos, de forma que, os genitores dos participantes acabam servindo como modelo e impactando, significativamente, na construção identitárias dos indivíduos, até mesmo na sua formação enquanto pai (DESSEN; POLONIA, 2007). Esse dado confirma a análise apresentada, anteriormente, sobre a importância da família como principal influência da identidade a ser construída do infantojuvenil.

Ademais, é possível destacar que, o legado de significados culturais, o conjunto de regras e modelos comportamentais aprendidos e vivenciados no seio familiar, acabam norteando as condutas educativas utilizadas pelo pai, quando este enxerga a gama de aprendizados, como sendo mais aceitável ao seu contexto histórico, cultural e social, e portanto, cabendo ser repassado aos seus filhos (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Dito isso, os referenciais educativos utilizados pelo pai, carregam em si, uma base educativa construída e transmitida na relação com seus genitores, mas amparados, também, por ideias e concepções que foram sendo formulados a partir das experiências socioculturais e vivenciadas em outros ambientes sociais (KOBARG; SACHETTI, VIEIRA, 2006). Assim, a despeito das falas paternas que trazem a si - especificamente suas experiências e aprendizados de vida, e a referência religiosa como parâmetro, denota a importância destas situações que foram e são vivenciadas para além do contexto familiar, e que podem vir a modelar ou reformular o conjunto de regras existentes e os modos de ser e estar no mundo.



Posteriormente, ao perguntarmos “Quando seus filhos querem alguma coisa a quem eles recorrem, a você ou a mãe dele?”, foi possível identificar que 40% dos pais indicaram que os filhos recorrem, exclusivamente, ao **Pai**, 33,33% unicamente a **Mãe** e 26,67% ao **Pai e Mãe**. Diante de tais respostas, foi questionado em que situações eles recorrem, e com frequência de 62,5%, a categoria do aspecto **Financeiro** apresentou maior índice de frequência, quando os filhos recorrem ao pai, seguida das categorias **Escola** e **Viajar**, com a mesma frequência. Já quando recorrem às mães, a categoria **Escola** apresentou maior índice, 50%, e 50% dos pais **Não sabem informar**.

**TABELA 6. Frequência e Percentuais de Respostas dos pais a pergunta “Quando seus filhos querem alguma coisa a quem eles recorrem, a você ou a mãe dele?”**

Categorias	Pai		Mãe	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>Financeiro</b>	10	62,5%	-	-
<b>Escola</b>	3	18,75%	2	50%
<b>Viajar</b>	3	18,75%	-	-
<b>Não sabem informar</b>	-	-	2	50%
<b>Total</b>	16	100%	4	100

Conforme indicam os dados acima, 62,5% dos pais responderam que os filhos recorrem ao Pai quando se trata de questões envolvendo o aspecto financeiro, o que sugere, ainda, uma identificação do papel paterno como, principal, provedor na relação parental, mantendo, ainda, uma nítida influência da tradição cultural que perdura desde os tempos remotos. Essa tradição nos papéis tradicionais adotados pelos pais fica evidente, novamente, quando os genitores indicam que 50% das demandas dizem respeito às questões abrangendo a educação – como escola.

Segundo Santis e Barham (2017), o envolvimento paterno é bem avaliado quando o pai segue as normas culturais vigentes em relação ao papel do homem e suas responsabilidades dentro da família. Essa caracterização é, portanto, cercada por padrões de gênero que, ainda segundo as autoras, atrelam a imagem do homem, e consequentemente do pai, ao referencial de masculinidade hegemônico na sociedade patriarcal, e direcionando os papéis femininos ao cuidado e educação da casa e dos filhos.

Nesse sentido, a paternidade apresentada nos relatos reflete a ideologia patriarcal através da responsabilidade enquanto, principal, provedor financeiro e cabendo maior distância física e emocional na relação parental. Disto isto, percebe-se que a paternidade é uma experiência que se constrói em vários níveis, nos quais os aspectos socioculturais estariam associados a ser provedor de recursos, respeito e autoridade e os aspectos relacionais estariam ligados ao relacionamento com a mãe das crianças (CUNICO; ARPINI, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, foi possível evidenciar o olhar paterno frente a relação com seus filhos adolescentes, compreendendo, a partir dos discursos, a importância da presença e participação ativa do pai no contexto familiar, para além do provimento econômico e material. Isso pode indicar, que de fato, a atuação paterna, na contemporaneidade, vem ganhando novas perspectivas, efeito das transformações sociais que modificaram, demasiadamente, o papel que o pai e a mãe passaram a desempenhar no ambiente doméstico.

Ademais, esse processo gradual é resultado da transição de relações desiguais para vínculos mais igualitários na tríade pai-mãe-filhos, mesmo que fique evidente, a permanência da mãe, ainda, como principal educadora na relação parental. Isso demonstra que, apesar de todas as conquistas femininas, o cuidado e criação dos filhos é, comumente, designado à maternidade, e seus efeitos refletem até os dias atuais, mesmo que a inserção da mulher no mercado de trabalho seja um marco na divisão de tarefas no ambiente familiar.

É preciso considerar que esse é um recorte em um dado espaço de tempo, possuindo determinada limitação. Porém, faz-se necessário reconhecer os resultados aqui obtidos, possibilitando maior compreensão da relação parental entre pais e filhos adolescentes. Assim sendo, a pesquisa contribuiu, demasiadamente, na ampliação do conhecimento teórico e perspectivas acerca das relações estabelecidas, o que os pais compreendiam como mais importante e quem, frequentemente, educava.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, S. L. S.; LIMA, M. C. F. O novo lugar do pai como cuidador da criança. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 201-216, 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOING, E.; CREPALDI, M. A. Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 59, 2016.

COSTA, L. F. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. **Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CUNICO, S. D.; ARPINI, D. M. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando famílias**. v.17, n.1, p. 28-40, 2013.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v.17, n.36, 2007.

GOMES, Q. S.; ALVARENGA, P. O envolvimento paterno em família em diferentes níveis sócio econômicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, p. 1-9, 2016.

KOBARG, Ana P. R. et al. Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 96-102, ago. 2006.

LINS, Z M. B.; SALOMÃO, N. M. R.; LINS, S. L. B.; FÉRES-CARNEIRO, T.; EBEHARDT, A. C. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. **Revista da SPAGESP**, v.16, n. 1, 2015.

MAGALHAES, Júlia Renata Fernandes de et al . Repercussões da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. **Rev. Bras. Enferm., Brasília** , v. 73, n.1, e20180228, 2020.

OLIVEIRA, C.B.E.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**. Campina, 27(1), jan.-mar, 2010.

PASINATO, L., et al. Transição para parentalidade e coparentalidade: casais que os filhos ingressaram na escola ao término da licença-maternidade. **Avanços em Psicologia Latinoamericana**. Bogotá (Colombia), v.34, n.1,2016.

PIATO, R. E., et al. Conceito de família contemporânea: uma revisão bibliográfica dos anos 2006-2010. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 41-56, 2013.

PRATTA, E. M; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 12, n. 2, p. 247-256, Aug. 2007.

SANTIS, L.; BARHAM, E. J. Envolvimento Paterno: Construção de um Modelo Teórico Baseado em uma Revisão da Literatura. **Trends Psychol**. Ribeirão Preto, v.25, n.3, p. 941-24953, 2017.

SIMIONATO, M. A.W; OLIVEIRA, R.G. Funções e transformações da família ao longo da história. **Anais do I Encontro Paranaense de Psicopedagogia ABPp**, novembro, 2003.

SILVA, M. R. S., et al. A percepção dos pais frente a seu envolvimento nas atividades com o(s) filho(s). **Revista Gaúcha Enfermagem**, v.15, n.1, 2014.